

CRÔNICA

Paulo Pestana • papestana@uol.com.br



A redenção do palito

Nos tempos de antanho as casas de gente de bem exibiam num canto da sala um objeto de porcelana fina, decorada em tons de azul e com furo no meio onde as pessoas podiam dar uma cuspidinha. As escaradeiras eram sinal de boa educação dos anfitriões e dos convivas, que caprichavam na mira na hora de expelir saliva e quetais.

Entre os prodígios de Leonardo da Vinci — que transformou a sem graça Gioconda no primeiro símbolo sexual e criou protótipos do submarino e helicóptero — está a criação do guardanapo. Ele sugeriu aos Medici que pusessem à mesa um “pano individual” para cada comensal, evitando que limpassem a boca na toalha.

A etiqueta começou na corte francesa para deixar clara as diferenças entre nobres e burgueses, classe em ascensão econômica. Espalhou-se. Na Inglaterra, por lei, roupas roxas com detalhes em ouro só podiam ser usadas pela família real; em Portugal, leis determinavam o modo de tratamento de cada pessoa.

Muitas regras de etiqueta foram impostas à força. Frederico o Grande, da Prússia, mandou que fossem colocados botões nas mangas das jaquetas para evitar que os soldados limpassem o muco que saía dos narizes. E até hoje os ternos têm botões que não abotoam nada, mas aliviam o trabalho do tintureiro.

A etiqueta também força alguns absurdos, como o injusto banimento do palito. O hábito de esgaravatar os dentes não pode ser comparado às nojeiras outras, mas desde que Danuza Leão escreveu o livro *Na Sala com Danuza*, nos idos de 1992, o útil objeto pontiagudo virou sinônimo de grossura. O livro, aliás, é provavelmente a obra em que mais vezes foram

impressas as palavras não e nem.

Escreveu Danuza em seu ucasse: “Palitos. Não devia nem falar, mas vou. Nem pensar, mas nem pensar mesmo. Só escondida, trancada no banheiro, luz apagada”. E virou lei. A Gina, moça que aparece na estampa da embalagem, quase perdeu o emprego; e aumentou a agonia de quem pedia um frugal bolinho de bacalhau.

Nos bares, a porrinha — que já tinha perdido espaço com a proliferação dos isqueiros descartáveis — quase sofreu golpe mortal. Quem insistia no uso (mesmo com a boca fechada, discretamente) começou a receber olhares reprovadores, os mesmos que hoje se reservam aos fumantes.

O palito não foram criados para humilhar ninguém. Não é preciso chegar ao requinte do Nascimento, amigo nosso, que até quando vai à praia carrega três palitinhos junto ao elástico da sunga. Para eventualidades, naturalmente. Mas Nascimento não conta: até hoje ele usa capanga para levar documentos.

Os palitos estão voltando. Em embalagens individuais como o sal e o açúcar. Mas restaurantes mais finos não os deixam à vista e o cliente tem que passar pela humilhação de pedir ao garçom, que provavelmente pede autorização ao maître.

